

O catálogo dos sonhos

(comédia em um ato)

PERSONAGENS:

Adriano (24 anos)

Bruno (23 anos, amigo de Adrián)

Eluney (23 anos, amigo de Bruno e Adriano)

Marina (mãe de Adriano)

Marcelo (30 anos, filho de um empresário)

Repartidor

A ação se desenvolve na recepção de um hotel administrado por Marina.

Uma sala não excessivamente luxuosa, mas tampouco esquálida; é um hotel simples e decoroso de uma cidade pequena. No lado direito da sala está o balcão da recepção. Nele há um jarro de orquídeas e, no outro, uma lâmpada que emite uma luz fraca e um telefone fixo. Atrás do balcão há duas cadeiras giratórias e um pequeno aparador. À esquerda está a porta de entrada do hotel, enquanto à direita há outra porta que dá acesso a uma escada que leva aos outros andares do hotel. A cenografia inteira deve se basear em cores quentes, como vermelho e amarelo; a iluminação não deve ser demasiadamente luminosa.

Primeira cena

Adriano: – Com certeza, se me adaptasse e começasse a aceitar que a maioria das pessoas que me rodeia não sonha e, portanto, também não acredita em meus sonhos, tudo seria mais fácil. É preciso esclarecer, no entanto, que a ideia de levar uma vida simples nunca me cativou e me sentiria um indivíduo extremamente ridículo se tivesse a esperança de que muitos pudessem entender o que significa para mim ter um sonho, e me apreciar ou desdenhar pelos valores em que realmente acredito, antes que por motivos fúteis. Por isso, há muito tempo me desinteressei por essas pessoas e persisto em afirmar que uma vida sem ao menos a esperança de poder sonhar equivale a algo bem próximo da morte... da morte espiritual, quero dizer, não física, é claro. (pausa)

Não considero que os sonhos estejam excessivamente relacionados à idade, ao lugar onde se mora, ao status social a que se pertence, ou a qualquer outra infinidade de variantes. Na maioria dos casos, só têm a ver com um mesmo. Um sonho é algo semelhante a um desafio, uma competição contra nós mesmos, contra nossa força de vontade, contra nossa consciência, estou conseguindo me expressar? E, acima de tudo, um sonho, no começo, é sempre algo espiritual e elevado. Depois, às vezes, temos a

oportunidade de revelá-lo aos outros colocando-o em prática, mas essa é apenas a parte final e, na minha opinião, também a menos interessante. (*pausa*)

Ultimamente, há vários meses, trabalho aqui. Passo minhas noites neste lugar. Mas é um trabalho temporário e, se aceitei estar aqui, é principalmente porque minha mãe, a proprietária deste hotel, precisa de ajuda e está terrivelmente cansada. Meu pai nos abandonou há alguns anos. Se divorciou de Marina e depois foi embora e, desde então, minha mãe precisa ser apoiada em tudo, tanto nas questões mais elevadas, por assim dizer, quanto nas mais práticas. E eu não me queixo de estar aqui. Aliás, à noite é tranquilo, vem poucas pessoas, e eu aproveito o tempo para estudar para a universidade. (*pausa*) De vez em quando, o sono me pega de surpresa e adormeço neste mesmo lugar. Apoio minha cabeça no encosto e... começo a sonhar. Às vezes lembro dos meus sonhos com mais lucidez, às vezes com menos. Hoje é o primeiro desses dois cenários. Há algum tempo, praticava atletismo, corria e, por acaso, quase sempre ganhava as competições das quais participava. Ganhei tal campeonato, tal outro... até que atingi um excelente nível atlético que me permitiu sonhar em vencer o campeonato do mundo. A possibilidade de tudo se tornar realidade existia, não era um sonho inatingível, disparatado. Além disso, não era o único a afirmar isso. E, só há um momento atrás, sonhava em ganhar o campeonato, e quando alcançava a meta, finalmente me deparava com a tão almejada oportunidade de erguer a bandeira da paz no ar.

Sim, era isso que tornava o sonho tão agitado: esse desejo de levantar essa bandeira, diante do mundo inteiro! E transmitir uma mensagem simples e clara: que não faz sentido dividir o esporte por nações, da mesma forma que não faz sentido dividir o mundo por nações, e que há valores acima de tudo isso, e que, em teoria, deveriam unir toda a humanidade.

Segunda cena

Marina: Hoje não há maneira de conciliar o sono e desci para esticar as pernas. É uma alegria encontrá-lo por aqui... – Com indiferença – Estas noites de verão são tão extenuantes, o calor abafa a toda hora! Como você está, está tudo em ordem? Por acaso adormeceu aqui? Seu rosto denota fadiga, está pálido esta noite.

Adriano: – Não se preocupe, me sinto bem, mãe.

Marina: – Por que você não para de mentir! – Sarcástico – Você está cansado, isso é visível!

Adriano: – Presumo então que meu cansaço seja devido aos horários. Dormir durante o dia e ficar acordado trabalhando à noite me deixa atordoado, às vezes, mas não me queixo.

Marina: – O horário... sim! Assim deve ser! E não será que seu esgotamento tem origem no fato de transcorrer suas noites aqui remoendo o passado, desejando poder voltar atrás no tempo? Para competir novamente? Não é essa a causa de sua brancura?

Adriano: – Está se inquietando inutilmente...

Marina: – Ah! Não deveria me preocupar se eu encontrar meu filho pálido como uma folha? É isso que está me sugerindo? É isso que espera de sua mãe? – com altivez.

Adriano: – Se recomponha, Marina. Eu lhe repito que estou bem. Tente ficar calma.

Marina: – É inútil, não posso. Não consigo, porque sou consciente de que a impossibilidade de se dedicar ao esporte, a um de seus sonhos, o atormenta. No entanto, você precisa enterrar o passado e seguir em frente. Não pode deixar que uma adversidade do passado assuma o controle de sua vida...
(pausa) Coisas semelhantes acontecem com muitas pessoas: um garoto abre um bar e em algum momento seu negócio fracassa... uma garota vai a uma audição de canto e não é admitida no coro... Todos temos pequenos planos, projetos, sonhos que desejamos realizar na vida, mas todos estamos igualmente conscientes de que os sonhos nem sempre se tornam realidade e que não é admissível ser tão vulnerável como você é, choramingando, se desesperando e desmaiando se, por acaso, um de seus sonhos se despedaça... E dizer que já se passaram vários meses desde que você teve que deixar de se dedicar à competição... – Com ímpeto, quase com raiva.

Adriano: – Eu nem sei o que contestar... – Desconcertado, confuso. – Não é certo que choramingue, desmaie e me desespere por um sonho, de jeito nenhum. São seus típicos exageros. Simplesmente acho difícil esquecer totalmente o passado e não lembrar de algo em que eu acreditava e que, embora não fosse minha única fonte de felicidade, me causava certo contentamento, serenidade... Uma pessoa não pode, de um dia para o outro, abandonar seu passado, seja ele recente ou antigo, porque faz parte de nós mesmos, de nossa personalidade.

Marina: – É verdade, mas poderia pelo menos fazer o esforço de não se focar apenas no passado, mas sim no seu presente e no seu futuro? Nada é mais importante do que o futuro! Deve aprender a aceitar que quando um sonho se tornar impossível de realizar é necessário afastá-lo, esquecê-lo. Do contrário, só lhe trará lembranças ruins e sofrimento interior, porque um sonho não realizado continua sendo apenas um sonho não realizado, nada mais, e ninguém se importa.

Adriano: – Lembrar não me causa sofrimento. Você está se confundindo. Já tive muitos sonhos na minha vida, e o esporte era somente um deles. Com isso não tive sorte; de repente tive que desistir das competições. Contudo, não creia que estou amargurado, decepcionado, pois já aceitei o que aconteceu e isso não me atormenta mais. Aliás, o que conta não é tanto se um sonho se realizou ou não, mas ter tido a oportunidade de sonhar. E eu fico feliz com os sonhos que tive... – Sincero, com um tom de voz extremamente pacato e tranquilo.

Marina: – Fico feliz por você. Mas tudo isso não lhe será de nenhuma utilidade. Insisto uma vez mais em que você deve pensar no futuro agora...

Adriano: – No futuro penso constantemente. Ao longo de minha vida, dediquei-me a várias atividades, tive projetos e aspirações. Agora só porque a sorte não me está acompanhando ultimamente não significa nada. O passado sempre permanecerá em meu coração, mas isso não impede que outros sonhos meus se desenvolvam no futuro... Surgirão pouco a pouco e, uma vez identificados, tentarei

levá-los adiante da melhor maneira possível... Tenho certeza. Portanto, deixe de se preocupar em vão.
(pausa)

Marina: – Será que você tem algo para beber lá? Poderia me passar uma garrafa de cerveja, por favor?

Adriano: – Pronto, pegue... E aqui está um copo.

(Marina acena com a cabeça em sinal de agradecimento, então começa a andar com o copo na mão, se distrai, depois passa a vangloriar a si mesma.)

Marina: – Adriano, entenda... Eu também tive sonhos no passado. Não sou uma pessoa tão sem brilho como pode pensar você que não tem muita estima por mim. Eu também era ambiciosa, à minha maneira... *(pausa)* E sempre cultivei meus interesses e paixões... Nestes últimos anos, por exemplo, além da minha atividade profissional, é claro, tenho me interessado por cães e pela cinofilia no geral. Sobre esse tema aprendi por experiência pessoal e por uma ampla variedade de pessoas: criadores, treinadores de cães e veterinários. Assisti a cursos presenciais e on-line. Quando tinha um curso na região, ia lá para ouvir os profissionais. Estava até disposta a me deslocar por muitos quilômetros. E nem desdenhei de alguns cursos para voluntários, por exemplo, para guardas zoológico. *(pausa)* Falo muito, mesmo que você já saiba tudo acerca dessa minha paixão, ambição, sonho modesto... Chame-o como quiser.

Terceira cena

Marina: – Olha quem está chegando, seu amigo Bruno está vindo visitá-lo, apesar da hora tardia! É melhor me recolher aos meus aposentos e tentar dormir, pois já são quase onze horas. Boa noite.

Adriano: – Boa noite. *(para Marina)*

Você também não consegue dormir? – Rindo, para Bruno, que se aproxima dele.

Bruno: –Ainda é cedo. A hora de dormir está longe. Aliás, duvido que consiga pegar no sono hoje. A ansiedade me consome, sinto-me nervoso. Portanto resolvi dar um passeio por esta cidade agora deserta, e passei por aqui. Afinal, demoro uns dez minutos pra chegar.

Adriano: –É verdade, sempre fomos uma espécie de vizinhos de casa.

Bruno: –Ah, esta noite estou realmente permeado pela ansiedade, já que ignoro o que me aguarda no dia seguinte. – Balança a cabeça então cobre o rosto com as mãos. – Amanhã, terá lugar minha primeira reunião de trabalho com uma empresa que se dedica à fabricação de equipamentos de academia, em especial esteiras. Você mesmo a conhece; está sediada na capital e tem uma pequena filial aqui. Além disso, amanhã chegará o filho do diretor que, pelo que entendi, se estabelecerá aqui na província por algum tempo. Terei que conversar com ele e estabelecer os termos do contrato que me propuseram. É normal que me sinta assim, não é? Afinal, sou apenas um estudante de biologia que no passado era apaixonado por atletismo, tenho vinte e três anos, tenho tão pouca experiência e, acima de tudo, me sinto desconfortável nesse mundo de empresários, ainda me sinto tão estranho a ele, mesmo assim, vou me acostumar, não acha?

Adriano: – Não sei se vai se acostumar com isso, espero que não, porque é uma pessoa inteligente e teria merecido algo bem melhor do que trabalhar para uma empresa de máquinas esportivas. Sabe, se não fosse uma pessoa brilhante, eu me alegraria por você, mas esse não é o caso. E tenho quase certeza de que você mesmo esperava mais de você, de que as pessoas que realmente o conhecem esperavam mais, não é assim?

Bruno: – Sim, é assim, de fato é. – Em tom triste. – O que lhe contei não é tudo. Não somente tomei a decisão de tentar me incorporar a essa empresa aceitando o contrato, mas também resolvi me retirar definitivamente do esporte, não competir mais.

Adriano: – Eu não fazia a menor ideia... – Surpreso com a notícia. – Mas quando você tomou essa decisão? Por que razão nunca fez alusão a isso até agora? Afinal de contas, nos conhecemos a vida inteira e sempre fomos companheiros de treinamento durante um milhão de anos. Admito que estou maravilhado...

Bruno: – Sim, treinamos juntos por muitos anos e nos tornamos grandes amigos. – Balançando a cabeça. – Que coincidência que nossa pequena cidade conte com uma equipe de atletismo tão promissora em nível nacional e, mais além, que tenhamos tido a oportunidade de compartilhar tantos momentos juntos! (*pausa*) Quanto ao resto, ainda não havia lhe confidenciado que ia deixar o esporte porque não era fácil, especialmente para você... Sim, especialmente para você que achava penoso insinuar essa transformação que me propus a empreender. Você era um dos poucos a não saber disso ainda.

Adriano: – Mas qual é a razão dessa mudança? Ainda não consigo compreender...

Bruno: – Mudança... Ambos a denominamos “mudança”, embora não saiba se é apropriado chamá-la assim, porque, na verdade, não é algo que pretendesse mudar, de forma alguma. Acho que evoluí ao encontro de uma nova realidade que não tenho certeza de que me proporcionará felicidade.

Simplesmente, deixei-me arrastar pelas sensações, pelos pressentimentos.

Costumava praticar atletismo: corria, treinava e competia, mas com o decorrer dos anos, pouco a pouco, aquela alegria inicial começou a se esvair, os treinamentos se tornaram cada vez mais parecidos a uma rotina cinzenta, algo a ser cumprido diariamente e tremendamente comum. Quando ganhava, me sentia feliz, mas de qualquer forma tratava-se de um contentamento cheio de indiferença, pois nem sabia mais ao certo a que estava me dedicando, por qual razão destinava tanto do meu tempo ao esporte, o que realmente estava tentando provar...

Adriano: – Provar? O esporte se faz porque gosta, não para provar alguma coisa, e se a gente quer provar alguma coisa é justamente porque gosta do que faz...

Bruno: – Pare com esses trocadilhos! Já que estou deprimido hoje... Aliás, repito que já estou ciente de que me converti tal qual um marinheiro que continua a zarpar todos os dias para ir pescar, que viaja constantemente, embora já tenha perdido o amor que nutre pelo mar e nem consiga mais sentir o vento oceânico lambendo sua pele. (*Bruno se põe a caminhar pensativo*)

Adriano: – E dizer que você gostava de esporte mais do que eu. Sempre curti atletismo, mas nunca pude me orgulhar da paixão que você tinha por competir. Não acha isso quase irônico?

Bruno: – Mas agora, de certa forma, eu “mudei”.

Adriano: – Você acha que sim? Uma pessoa brilhante não se torna obtusa da noite para o dia. Com toda a honestidade, seus princípios, sua maneira de pensar, sempre foram os mesmos, seria inverossímil defender que mudaram; lhe conheço há muito tempo e posso me conceder essa afirmação. Nunca foi uma daquelas pessoas que um dia acreditam em algo e no dia seguinte no contrário.

Bruno: – Talvez. Suponho que seja impossível mudar a minha maneira de pensar. Como você alegou, ambos sabemos que não deixei de acreditar naquilo que acreditava antes. Ainda assim, algo mudou em mim. De certo modo, evidentemente, eu cedi... porque o Bruno de alguns meses atrás era muito mais real e verídico do que o atual, aqui, agora, diante de você.

Adriano: – Algo cedeu em você... em outros termos, isso significa que você permitiu que seus sonhos se afundassem pouco a pouco e se distanciasse cada vez mais deles, não é mesmo?

Bruno: – Algo do gênero. Eu desisti, sacrifiquei algo relevante, algo que realmente tinha significado para mim. Cedi em meus sonhos e me adaptei. – Reflete consigo mesmo, parece estar ficando cada vez mais confuso. – Um sonho – o que significa ter um sonho? Há lugar para sonhos nesta hodierna e cobiçada sociedade? Se abríssemos um dicionário, um sonho provavelmente seria definido como uma esperança ou um desejo vago e inconsistente. “Não se pode viver de sonhos” é a frase típica que diversas vezes a sociedade te lembra, não é mesmo? Interpreta-se como uma fantasia, como um anseio. Mas é preciso esclarecer que não é a isso que estamos nos referindo quando falamos de um sonho. Para nós, um sonho é algo muito mais tangível, real, é uma espécie de aspiração, um desejo de levar adiante um ideal, de tornar nossa maneira de pensar concreta e material, de não transigir, de não ceder. E quando uma pessoa desiste... em nome de quê o faz? Porque quando se renuncia dos próprios sonhos, está entregando algo de si mesmo à banalidade e ao conformismo do mundo. Em outras palavras, está perdendo uma parte da própria liberdade.

Adriano: – E quando se cede... em nome de que se faz isso, você pergunta? Questão das questões, não é fácil responder à pergunta. Talvez seja em nome de uma vida mais simples, com menos complicações, com menos perturbações interiores; talvez seja simplesmente para evitar se fazer excessivas perguntas. Os termos “aceitar” ou “adaptar” já dizem tudo: adaptar-se significa parar de fazer perguntas, deixar de opor resistência. Você não acha? Com isso, não estou afirmando que exista um caminho cônscio que, se alguém o escolher, automaticamente se torna uma pessoa eleita, um indivíduo superior; porque todos os caminhos são parcialmente podres, todos, obrigatoriamente, do primeiro até o último, apenas estamos tentando decifrar e definir qual deles é ligeiramente melhor e qual é ligeiramente pior. Trata-se de encontrar um caminho envolvente e sempre tentar dar alguns passos para frente e, onde possível, melhorar. Melhorar a si mesmo e, simultaneamente, melhorar a sociedade. (*Bruno caminha, reflete*)

Bruno: – Então, finalmente, você alega que existe tanta diferença entre praticar esporte a nível

profissional, como fazíamos há alguns meses, e ir trabalhar para uma empresa de máquinas esportivas?

– Confuso.

Adriano: – Não, creio que não. Entre se dedicar a esportes para receber um salário e ir trabalhar para uma empresa esportiva pela mesma razão, não considero que exista uma diferença ciclopica. Quando vistas como atividades por si mesmas, ambas são altamente irrelevantes e insignificantes. Acho que ambos estamos cientes de que é impossível mudar ou refinar o mundo unicamente através do esporte ou da venda de máquinas esportivas; e que interessa é o quanto uma pessoa se rende, se “corrompe” quando se dedica a qualquer atividade. Depois, se for possível comunicar algo por meio dela, como nós procurávamos fazer através do esporte, melhor ainda.

(Pausa prolongada)

Bruno: – Talvez, neste momento, a razão pela qual enfrento aflição e angústia não seja tanto por ter desistido de competir e ter aceitado um trabalho cinzento, estático e rotineiro quanto por me sentir cada vez mais consciente de que estou desistindo dos meus ideais e de que não sou mais capaz de levá-los adiante, embora ainda acredite neles com firmeza...

Adriano: – Sim... Presumo que aquele sonho que outrora compartilhava comigo de permanecer o mais livre e “limpo” possível agora vai se tornar cada vez mais difícil de perseguir, seja qual for a atividade a que vai se dedicar. Quase parece que você tenha perdido o espírito adequado com o qual encarar a vida. Será que simplesmente não consegue exumá-lo e voltar a si?

Bruno: – Não faço ideia, somente percebo que a cada minuto que transcorre me sinto mais aflito e, acima de tudo, confuso. Extremamente confuso. Quando não podemos mais levar adiante aquilo em que acreditamos é como se começássemos a limitar-nos a sobreviver; a viver uma vida amorfa, e isso me atemoriza. Será possível que deseje isso? Possível que já não tenha forças para levar nada adiante?

Adriano: – Gostaria de poder ajudá-lo, pois essa passividade atual que o impregna o levará a aceitar cada vez mais a podridão, a comprometer-se consigo mesmo e com os outros e a ser cada vez mais hipócrita, caso surja a oportunidade. E hipocritamente esquecerá ou fingirá esquecer seus ideais passados, que antigamente exigiam de você determinados comportamentos, independentemente daquilo a que se dedicava. *(pausa)*

Bruno: – Sabe, Adriano, apenas me pergunto em que momento de nossas vidas fomos mais honestos e fiéis aos nossos ideais, por assim dizer, e menos hipócritas. – Reflete.

Adriano: – No que me diz respeito, posso lhe dar uma resposta meticulosa sobre os limites da podridão que consigo tolerar, aceitar. Quanto a você, não sei mais. Se tivesse me formulado essa pergunta há alguns meses, sem dúvida eu teria sido capaz de respondê-la, mas agora não sou, tenho aqui diante de mim uma pessoa totalmente diferente, que já não acredita em si mesma, ou simplesmente resolveu esquecer-se de si mesma...

Bruno: – Esquecer-se de si mesma... e tornar-se como todos os demais, como um dos tantos, não é assim? Não é esse um dos males de nosso mundo civilizado, ou seja, o fato de esquecermos ao máximo

da nossa personalidade, de quem realmente somos e deixar que nossos valores se esvaiam com o tempo? E, outra vez, em nome de quê?

Adriano: – A essa altura, acho que sabe isso melhor do que eu. (*pausa*) Então, agora, o que você vai fazer?

Bruno: – Ri, desalentado. – Presumo que agora o marinheiro continuará a sair em seu barco para se dirigir à pesca, cada dia. Mas agora, indiferente a tudo, nem sequer aperceberá que já não está navegando em mar aberto, mas numa piscina pútrida, e deixará, independentemente do lugar onde se achar, que os ponteiros progridam para então, sem nunca se arrepender, navegar pelas mesmas águas no dia seguinte... até que, um dia, indefinidamente, a morte física sobrevenha e ponha assim fim à sua futilidade. (*pausa*) Seja como for, esqueçamos em qual rota estou me embarcando. Sinto que minhas palavras estão se tornando cada minuto mais deprimentes, mais penosas... Portanto, conte-me sobre você, o que supõe que o futuro lhe reserva?

Adriano: – Difícil dizer. Nunca fui uma daquelas pessoas que planejam tudo com excessiva antecedência, preferindo melhor deixar as portas abertas ao que a vida pode lhe oferecer e ao que poderia lhe interessar, causar curiosidade. Como bem sabe, não sou um filantropo e, até certo ponto, eu também sou uma pessoa egoísta e egocêntrica, como todo mundo. Afinal de contas, só tento levar adiante valores éticos que me são caros, por acaso é isso pouco? Sim, não é muito, poderia me prodigar para obter muito mais da vida. Contudo, o fato de ser consciente, na medida do possível, de ser uma pessoa ética e coerente me torna de certa forma feliz, saciado, e não deixarei que isso se abisme... nunca, ao longo de minha vida inteira...

Bruno: – É claro que sua aspiração é modesta, por assim dizer, mas não por isso é fútil, longe disso. Naturalmente, ela também foi minha no passado. Seguir esse caminho, no entanto, é árduo e é por isso que pessoas semelhantes a embrulhos de presente com um laço existem em excesso neste mundo... Além disso, levar adiante essa sua aspiração de ser uma pessoa ética, com princípios... aspiração? Sonho materializável? Como deseja que o nomeie? Faz com que a vida, em certas ocasiões, seja excessivamente obscura. Uma pessoa que tem sonhos dificilmente pode ter um futuro e, cedo ou tarde, acaba se abismando, cede, renega tudo...

Quarta cena

Marina: – Exato Bruno. É inútil inventar dores de cabeça quando tudo poderia ser extremamente simples e, ainda por cima, suficiente para nos fazer felizes. Boa noite...

Bruno: – Boa noite...

Marina: – Não concorda? – a Adriano. – Se apenas pudesse tomar o exemplo do seu amigo aqui presente, você facilitaria a sua vida, afinal de contas, ela é feita para se dedicar a atividades pelas quais tem paixão e que o fazem gozar, se sentir contente, não é feita para sofrer e para passar a jornada amargurado como costuma fazer você, Adriano... (*pausa*)

Adriano: – Estava nos bisbilhotando, Marina? Será que não foi? – Com ironia.

Marina: – Impávida – Por vezes, temos de ser capazes de fazer concessões. A própria vida também é feita disso, e nós as aceitamos simplesmente por uma questão de pra-ti-ci-da-de. Aliás, nem por isso viramos monstros nem pessoas amorais, mas sim pessoas práticas.

Bruno: – Quem sabe, Adriano! Talvez, no fundo, fomos demasiado intransigentes no passado e existem também diversas outras formas de levar adiante os sonhos e de se sentir sereno, sem mesmo ser exageradamente intransigente, não acha? – Mentindo, com uma voz hipócrita. – Ou talvez, na realidade, não procuro mais que uma milhares de desculpas, atenuantes...

Marina: – Sem prestar atenção em ninguém – Intransigentes... – ri sozinha – Meu desgraçado filho, à força de não ser complacente com quase nada, transformou-se em uma espécie de religioso que não pensa em nada além de intransigência, abnegação, redenção... É como se não desejasse se sentir feliz e se privasse ele mesmo da felicidade que lhe é oferecida. Adriano sofre da síndrome do temor da felicidade. O que é muito raro neste mundo! Pois nunca em minha vida ouvi alguém afirmar que não deseja se sentir feliz e, no entanto, ele sim! Ah, Bruno... – olhando para ele – me ajuda a fazer com que comprehenda esse conceito.

(Bruno fica em silêncio)

Não devemos transcorrer uma vida inteira em abstinência; não é esse o sentido da vida. Em todos os contextos é permitido fazer exceções para não sermos esmagados pela aflição. Todos temos lido fragmentos da Bíblia e conhecemos em linhas gerais seu conteúdo, mas isso não significa que devemos seguir estritamente tudo o que está escrito nela! Pelo contrário, deve ser tomada como uma diretriz geral e seguida até onde for possível, portanto, se em determinados contextos for impossível se inspirar nela, teremos que conviver com isso...

Bruno: Abstenha-se de pronunciar tais palavras, Marina, seu filho não deseja entender. – Sério. – E quanto a mim, receio que já entendi bem demais a que seus discursos fazem alusão e quais são suas aspirações na vida.

(Marina está chateada)

Marina: (*a Bruno*) – Que não tenha vontade de compreender o que lhe estou sugerindo não me diz respeito, é, entretanto, meu dever fazer com que entenda que assim não pode continuar. Precisa industriar-se para realizar o quanto é mais conveniente ser uma pessoa ligeiramente mais prática e, ao mesmo tempo, mais feliz, despreocupada. Como você, Bruno...

Bruno: – Contudo, nesse ponto exagera, Adriano não é uma pessoa tão abstrata e etérea como pretende agora lhe fazer crer. Ele também é uma pessoa prática, e talvez, às vezes, até demais. Considere apenas o fato de que trabalha aqui, que estuda na universidade, que praticava esporte e muitas outras coisas tangíveis; não o descreveria como um indivíduo abstrato e, ademais, abatido, como você alega.

Marina: – A outro tipo de praticidade estava me referindo, ou seja, àquela com a qual se enfrentam os problemas da vida sem se embarcar numa chuva de reflexões, com a qual se relaciona com os próprios

sonhos, com os próprios estados de ânimo, com as outras pessoas. Meu filho, por exemplo, não é tolerante com ninguém, tem uma mentalidade fechada, existe ele mesmo e mais ninguém!

(Permanecem em silêncio por alguns instantes)

Marina: (a Adriano) – Faça-me o favor de ligar para a pizzaria do outro lado da rua e encomendar uma pizza, essas discussões banais me aborrecem – Com uma atitude de superioridade, indignada. – seria melhor fazer uma pausa e tentar se distrair... – Inclina-se para ver se a pizzaria ainda está aberta. – Sim, dá a impressão de não ter fechado ainda...

(Adriano fala ao telefone)

É isso, Adriano, deveria se inspirar em mim, que gozo da vida, que tento tirar o melhor proveito de cada instante, em vez de sempre esbanjar infinitas oportunidades como você faz, recusando ofertas de trabalho, novas amizades e demais; e passa o dia com o cenho franzido. (pausa) Eu temo a morte, ou melhor, a respeito, porque gosto da vida, a adoro, e quero chegar pelo menos até os noventa anos, dedicando-me ao que mais me apaixona, deixando meus instintos me guiarem.

Bruno: – Mais uma vez exagera! Seu filho também é feliz, apenas não demonstra, ele não demonstra nada, não é uma pessoa expressiva, emotiva, efusiva. É totalmente o oposto de você, sempre se contém, no entanto, isso não implica que, em determinados momentos, ele também possa se sentir feliz. E, talvez, por razões diferentes das suas. – Olha para Adriano sorrindo e depois sacode a cabeça. – Honestamente, nem me atrevo a afirmar qual entre vocês é mais fechado mentalmente e teimoso.

(Adriano fica indiferente a esse diálogo, dá a impressão de que já o conhece de cor. Posteriormente, os três deixam cair o silêncio e ficam na espera, cada um olhando numa direção diferente, para que a pizza seja entregue a eles).

Quinta cena

Repartidor: – Aqui está a pizza.

(Marina amavelmente pega a caixa que contém a pizza, depois tira a carteira para pagar; o repartidor, entretanto, dá a impressão de se sentir tremendamente alegre, se mexe quase em surtos, está eufórico; Marina especialmente percebe isso e fica intrigada)

Marina: – Aí está.

(O repartidor sorri)

Repartidor: – Obrigado. Perdoem minha alegria, mas nesta noite me sinto quase eufórico. Realmente não estão curiosos para saber por qual razão me sinto assim e não desejam compartilhar esse contentamento comigo?

Adriano: – Mentindo, mas em um tom sóbrio. – Em uma ocasião futura, talvez. Hoje foi um dia longo e doloroso para nossa família. É um dia de luto e adoraríamos um pouco de quietude, peço que compreenda e nos exonere de sua...

Marina: – A Bruno, exultando – Mas está vendo como ele é? Realmente não intui que seu nível de tolerância é quase inexistente? E que só existe ele mesmo e ninguém mais?.. Não deseja correr o risco de que a felicidade alheia possa contagiá-lo! Pode crer que é a síndrome do medo da felicidade! – Admoestando seu filho com a mão e, em seguida, voltando-se para o repartidor. – Conte-nos, por favor, o que tem acontecido com você recentemente que o deixou de tão bom humor? Creia-me, todos nós ficamos intrigados e adoraríamos ouvir um esclarecimento a esse respeito...

(O repartidor se anima)

Repartidor: – Bom, me sinto assim porque amanhã, segunda-feira, é o dia em que me formo e, depois disso, poderei finalmente começar a trabalhar como psicólogo. E poder se gabar de ter uma graduação é algo grandioso! – está entusiasmado – Sabiam que os graduados ganham, em média, em torno de 40% a mais das pessoas que não são graduadas?

Marina: – Ah! Estamos muito felizes por você! Nossos parabéns! – Aplaudir.

Repartidor: – Não se engane, porém, pensando que não curto meu emprego atual. Faz anos que trabalho na pizzaria que fica aqui em frente. É maravilhosa, todas as semanas preparam pratos ligeiramente diferentes. Aliás, conheço todo mundo lá e criei meu próprio círculo de amigos-conhecidos. Portanto...

Marina: – Portanto? – O incentiva.

Repartidor: – Portanto, agora que finalmente poderei iniciar a exercer a profissão de psicólogo, farei isso simultaneamente com meu outro emprego, o que significa que, aconteça o que acontecer, continuarei a trabalhar na pizzaria alguns dias por semana... E não porque seja obrigado, sendo antes porque realmente desejo que seja assim! Ah, mas agora... poder contar com uma graduação é... algo totalmente diferente! Um novo horizonte se descontou diante de meus olhos. Acreditem em mim, até mesmo quando se vai ao banheiro, faz diferença ter um diploma ou não! – sorri, tremendamente altivo.

Marina: – Sem dúvida, a posse de uma graduação é algo importante: uma coisa comum, mas que ao mesmo tempo o distingue de todos os outros indivíduos não graduados, que, na minha opinião, nem mesmo se deveriam dignificá-los com o apelido de “indivíduos”.

Repartidor: – Agradeço a você! *(pausa)* E, quanto ao seu filho, não se preocupe com seu receio de se sentir feliz, vai ver que isso vai se resolver... aos poucos vai se consertar, não tenha medo! Com calma!..

Marina: – Hah! – Altiva, julgando o fato impossível.

Repartidor: – Não, não se deixe consumir pelo pessimismo, senhora, tudo vai dar certo. – *(pausa)*, reflete. – Por enquanto, permita-me um esclarecimento, aquilo que você acabou de denominar “síndrome do medo da felicidade” não é, para nós profissionais, nada mais do que quero-fobia. E quero-fóbicas são todas aquelas pessoas que, temendo experimentar emoções agradáveis, de forma mais ou menos consciente – lança um olhar para Adriano, – se envolvem em comportamentos de auto-sabotagem para se protegerem. – Pausa, depois, retomando a palavra, faz um gesto com as mãos como se quisesse tornar sua explicação o mais prosaica possível. – Na prática, as emoções comumente

consideradas positivas são vivenciadas pelo querofóbico como um momento de extrema vulnerabilidade. Está me entendendo? Tenham paciência e, acima de tudo, fé... E, agora, boa noite! – Se despede alegremente e, com pressa, sai da recepção.

Sexta cena

Marina: – Dada a hora avançada (já deve ser onze e meia), vou optar por subir a comer minha pizza, e deixarei a vocês jovens o privilégio de conversar em privado, sem a minha esmagadora presença. (*pausa*) Também porque conversar com você – a Adriano – é altamente inútil, de forma que seria supérfluo eu ficar aqui. – Reflete. – Aliás, as conversas, na maior parte dos casos, não fazem muito sentido, porque são compostas de palavras e nada mais, enquanto a única coisa que interessa são os fatos - como se conseguisse viver. É quase inútil abordar temas sérios: as palavras não são práticas.

Adriano: – Boa noite!

Bruno: – Boa noite, foi um prazer conversar com você!

(*Marina se aproxima de Bruno e, em despedida, lhe dá um beijo na bochecha, depois sai com indiferença*)

Bruno: – Então as palavras não são práticas? – Maravilhado.

Adriano: – Eu, pelo menos, as considero práticas em certo sentido, porque são elas que definem uma pessoa, delineiam sua maneira de pensar, seu caráter, e nos dão a possibilidade de imaginar, entre uma série de possibilidades, qual comportamento pode-se esperar de um indivíduo com quem tivemos longas conversas. No meu modo de ver as coisas, as palavras são o ponto de apoio ou, melhor dizendo, de partida das pessoas.

Quanto ao resto, a parte prática - ou seja, como uma pessoa age -, como minha mãe comentou há pouco, receio que isso não consiga prender minha atenção, me é indiferente, ou quase. É como algo adicional, nada mais.

Bruno: – Então, você percebe as pessoas como palavras? Ou, como as definiria?

Adriano: – Algo do gênero, palavras ou pensamentos (que algumas vezes, infelizmente, precisam ser colocadas em prática), uma porção de formas diferentes de ver a vida, de interpretá-la, de abordá-la. A parte prática, ao meu ver, é pelo contrário algo bem reduzido. E, mesmo confessando que não consigo ser uma pessoa extremamente abstrata em todas horas do dia, admito que tenho preferência pela abstrata praticidade das palavras ao invés da praticidade dos fatos e das circunstâncias. – Pausa prolongada, depois retoma a fala. – Eu, por exemplo, se tivesse que conhecer uma pessoa, conversaria com ela por um longo tempo até deixaria que escolhesse o tema da conversa, fosse ele superficial ou profundo - não importa. Escutando seus discursos, tentaria prestar a maior atenção possível à forma como se expressa, aos termos que emprega e, com o tempo, procuraria entender suas inconsistências, quais são os pontos que mais a confundem e, mais que nada, tentaria entender o que a vida significa para ela. É isso o mais significativo para “descobrir” de uma pessoa, não acha?

Bruno: – Concordo. (*pausa*) De fato, como fazia-me notar, observar uma vinheta que representa as atividades às quais um indivíduo se dedica diariamente não é algo tão exaustivo quanto poderia ser-lo se estivéssemos inteirados de qual é o modo de pensar desse, porque uma pessoa pode se comportar de certa forma em determinadas ocasiões, mas sempre nos faltarão certos detalhes a respeito da razão pela qual agiu dessa maneira. Seu modo de pensar, em contrapartida, se nos for dado descobri-lo, é algo muito mais teórico, abstrato e, ao mesmo tempo, tangível. (*pausa*) Agora, de qualquer modo, será o caso que o deixe com seu trabalho. Procurarei ir dormir e me esforçarei para me reconciliar com meu novo “eu”, sem sonhos.

Adriano: – Boa sorte! – Sorri, com ar de sono.

Sétima cena

(*Adriano faz um aceno de cabeça para cumprimentar Eluney, se aproxima dele*)

Eluney: – A única coisa agradável desta noite é que em nossa cidade, mesmo sendo verão e, às vezes, nesta estação, as ruas se enchem de pessoas festivas, hoje reina a tranquilidade. Não é incrível? Será que estas ruas desertas não lhe proporcionam paz? – Agarra-o pelo braço e o arrasta para o átrio do hotel. – Observe, não há uma só alma...

Adriano: – Me transmitem paz, é claro, da mesma forma que a você. Mas, principalmente, sinto-me feliz emvê-la, em poder conversar com você, porque é melhor do que tudo o que me circunda aqui. Sua amizade me é muito querida, talvez mais do que qualquer outra coisa no mundo. Quanto às ruas em frente, a ausência de indivíduos que costumam transitar por aí, não apenas quietude - no sentido de que ninguém me incomoda - me transmite esta situação, mas também desassossego, uma sensação de profundo desespero, se devo ser honesto. – Desconcertado.

Eluney: – O vazio o desencoraja? Uma longa e deserta avenida arborizada o inquieta? – Ri com sarcasmo.

Adriano: – Sim, você ri, Eluney. Seu riso está cheio de escárnio a meu respeito. Mas a verdade é que se sente exatamente como eu. Inclusive, pode que sua dor seja ainda mais profunda do que a minha. E a única coisa que desejaria é poder esquecer, ser esquecida, se alhear de tudo... não ter mais que fazer parte de nada, de ninguém...

Eluney: – Volta a falar de uma maneira mais terrena, sincera. – Infelizmente, é assim. Num determinado momento da vida, poderíamos até nos iludir com que uma avenida deserta é a salvação. Nós acordamos no meio da noite, saímos de casa às pressas e começamos a correr pelas ruas desertas de nossa cidade com a ilusão de nos sentir livres por alguns momentos da nossa miserável existência. Finalmente livre de todos, de qualquer obrigação, de qualquer imposição, de qualquer hipocrisia, nos sentimos a primeira e última pessoa na terra, como se ninguém mais existisse; quando, na verdade, não se trata mais do que um momento bem momentâneo de liberdade fictícia, que faz parte de uma ilusão, porque somos mais do que conscientes de não estarmos correndo pelas avenidas de uma cidade

livremente, mas pelos corredores noturnos de um manicômio - momento no qual cada paciente está trancado em seu próprio quarto. – Ri, triste. – Exemplo estúpido, de qualquer forma, considerando que os manicômios já não existem.

Adriano: – Não se preocupe, pois, depois de tudo, os manicômios continuam a existir. Só que agora, em tempos atuais, são chamados por uma apelação mascaradora diferente: hospital psiquiátrico, lhe dizemos agora, não é? É um pouco como o Ministério da Guerra que, com o decorrer dos anos, tornou-se o Ministério da Defesa. (*pausa*) Quase parece que, quando conseguimos mudar um nome, podemos considerá-lo um resultado, e, afinal de contas, até posso aceitar que as pessoas se regozijem com esse sucesso diplomático em si mesmo, mas quando se vangloriam disso, de que, ao mudar uma aparência, finalmente conseguiram abrir as portas à era moderna, sinto que há algo que não comprehendo, e não me parece ser outra coisa senão o momento em que a humanidade atingiu o coroamento de sua ridicularidade. Para mim, esta, não é mais do que a era das refinadas paredes de papelão, atrás das quais se escondem, majoritariamente, seres primitivos, que, é claro!, têm a presunção de serem pessoas modernas.

(*Os dois se sentam no balcão da recepção*)

Eluney: – Até que horas pretende trabalhar?

Adriano: – Até às seis da manhã permaneço aqui.

Eluney: – Teremos, então, tempo para conversar... – Ri com tristeza.

(*Adriano anui, então encosta a cabeça no balcão da recepção*)

Adriano: – Voltamos a nós, às nossas conversas... Afinal, qual poderia ser um momento mais propício para falar senão aqui?

Eluney: – Correto. Sabe, Adriano, – Com ímpeto – agora tenho vinte e três anos. Há tempos, havia muitas coisas que me confundiam, me desconcertavam, não conseguia esclarecer minha mente de jeito nenhum. Ultimamente, porém, tenho a impressão de ter chegado a uma conclusão muito objetiva, razoável: na cidade todos caminham da mesma forma e, aqueles que são incapacitados, não desejam outra coisa além de poder caminhar exatamente como nós.

Adriano: – Idiota. – Sacode a cabeça, então os dois riem.

Eluney: – O exemplo é tolo, mas estou de bom humor (dificilmente poderia não ser assim com você aqui presente). Aliás, não é meu desejo fazer-me de filósofo para explicar um conceito tremendamente simples. Insisto na ideia de que a tragédia das pessoas é a maneira como elas caminham – Adriano se contém para não rir, mas não consegue. – Examinemos agora a maneira de andar das pessoas: alguns caminham ligeiramente corcundas, outros não; alguns andam a passos rápidos, outros não; alguns levam um saco do supermercado, outros uma bolsa de luxo; alguns caminham com um passo mais rebelde, mais passivo, mais expressivo, mais lânguido... Há uma infinidade de variantes, não é mesmo? Todas com sutis diferenças. O problema, no entanto, é que todas essas variantes já foram definidas, predefinidas. Quando é que vamos começar a quebrar essa rotina de classificar e catalogar?.. Quase

nunca se considera a hipótese de que possa existir um caminhar realmente novo, acaso não é assim? Uma pessoa com um jeito novo de andar se transformaria em um ser transparente, seria tratada como uma sombra, um fantasma, e não seria levada em consideração e, caso insistisse em se exibir, seria levada apressadamente para o manicômio do qual falamos há pouco, ou seriam tomadas medidas preventivas muito semelhantes para que não influenciasse a sociedade. – Agarra o braço dele e o sacode. – Falando de loucos, de qualquer maneira, há bem pouco com que se sentir satisfeitos, pois em seu círculo há a mesma falta de inovação. Se só pudesse existir um manicômio de loucos inovadores, pelo menos se verificaria uma mudança, mas parece-me que até mesmo eles teimam em se comportar dessa maneira, obedecendo justamente às diretrizes do manual intitulado: “Manual completo para se tornar um louco”. Se víssemos de vez em quando um louco inovador, talvez pelo menos nós nos livrarmos desse aborrecimento tedioso que se espalhou por todo nosso mundo civilizado. (*Adriano a escuta*)

E, lamentavelmente, isso é exatamente o que vem acontecendo comigo ultimamente na universidade. Como sabe, estou no último ano de Direito e estou prestes a terminar de escrever a tese final. Os professores nos convidam constantemente a escrever uma tese inovadora, que tenha algo novo, algo “pessoal”. Contudo, não estão realmente nos pedindo para sermos in-no-va-do-res, no sentido literal do termo, pois, na realidade, apenas nos estão exortando a sermos inovadores dentro do âmbito da inovação - da gaveta que se leva consigo essa etiqueta. Logo, nem é preciso mencionar que aqueles que têm a capacidade de seguir esse caminho podem, é claro, se permitir sonhar em ter sucesso e ser reconhecidos pelo mundo. Se desejamos ter sucesso, ou melhor, ser apreciados, receio que outros caminhos não existam.

Adriano: – Sonhar um sonho alheio, ou seja, o que já lhe foi etiquetado e proposto a sonhar. Não acha isso uma perspectiva cativante? No entanto, milhares de pessoas apreciam que seja assim. Por mais enrolado e incompreensível que possa soar, muitas pessoas gostam de se deixar enganar: desse modo, se iludem de serem inovadores e terem sonhos, quando, na realidade, não são sonhos próprios, e são tudo menos inovadores.

Eluney: – Sim, algo do gênero. (*pausa*) E eu não desejo sonhar um sonho alheio. Não sinto a necessidade de que a sociedade me mostre o catálogo de sonhos que oferece para escolher um. Desejo sonhar meus próprios sonhos, e de mais ninguém. Ademais, além de serem sonhos alheios - como justamente você observava -, acho que não se possa sequer considerá-los sonhos. – Faz uma pausa, depois finge estar atuando. – Você abre o catálogo e se põe a folheá-lo: por acaso, você sonha em abrir uma sorveteria? – Olha-o nos olhos, com ar de zombaria. – Inscreva-se em um curso e, assim, receba aulas sobre isso. Talvez você deseje realizar uma obra caridosa? Venha aqui, o ensinaremos a fazer isso imediatamente e, já que nos procurou por isso, também faremos o possível para zombar de você. Garantimos isso. E também garantimos que você, cidadão respeitável mais que indivíduo, antes de morrer, se sentirá satisfeito por ter feito parte desse projeto.

Adriano: – Isso é verdade, contudo, também temos que reconhecer que, se as pessoas sonham esse sonho, ou seja de ser ridicularizadas, não podemos tentar influenciá-las e forçá-las a ser como nós, que somos a favor do individualismo e não desejamos nos sentir parte de nada e não desejamos que nos atribuam uma etiqueta. Estaríamos sendo ridículos de sobremaneira se procurássemos dissuadi-las, posto que foram elas mesmas que optaram por essa escolha.

Eluney: – Você acredita que são tão conscientes assim?

Adriano: – Sim, acho que sim, que o são. Ou melhor, quando lhes parece mais conveniente se mostraram conscientes. Caso contrário, fingem não ser, e perseveram em ter predileção por uma vida disforme e totalmente hipócrita. É mais cômodo agir assim.

Eluney: – De qualquer maneira, o cerne do problema não tem a ver com se for possível ou não ignorar tais pessoas que desejam que lhes seja oferecido o catálogo com a lista de sonhos. A questão reside no fato de que, caso não fosse você quem se dirigisse a elas, seriam elas que viriam procurá-lo, convertê-lo, seja onde for que você tenha se atrincherado, e não se iluda que lhe darão paz. Lhe oferecerão, inevitavelmente, o catálogo, para você, como para todos os demais... E então, o que responderá?

Adriano: – Tentarei opor resistência, suponho.

Eluney: – Por qual razão? Qual é a utilidade?

Adriano: – Talvez nenhuma, mas isso não diminui a minha consciência. E o fato de eu ter pouca esperança não significa que tenha desistido. Pelo contrário, são duas coisas totalmente diferentes.

(Adriano se levanta, põe-se a caminhar, depois para e olha para Eluney, que volta a conversar com ele)

Eluney: – Perceba, parece-me que desde que somos crianças fazem todo o possível para nos acostumar com a não clareza, para encontrar uma arte capaz de transformar qualquer coisa transparente numa extensão envolta em névoa. E que o problema na raiz de tudo é esse desejo constante e desenfreado de ausência de clareza. Por outro lado, se houvesse uma deficiência dela, as pessoas não poderiam se gabar-se de se sentir seguras de si mesmas - perderiam de imediato a segurança de sempre encontrar uma saída, independentemente da situação em que se encontrassem. *(pausa)*

Pense somente na educação, nas regras de cortesia; na aparência, poderia parecer um elemento supérfluo, mas nossa civilização vive dessas coisas, todos os dias. Por que, se me dirigirem uma pergunta ou me proporem algo, é preferível responder “sim”, apenas por uma questão de tato ou, mesmo, de cortesia? Por que, no leito de morte de uma pessoa, não posso contestar a verdade? Desejam tanto morrer em paz a ponto de não querer conhecer o quanto as pessoas à sua volta realmente valem? É tão grande seu anseio de se obter, de se comprar uma felicidade que não existe? Será que vocês ambicionam tanto que as pessoas não o ofendam? Se todos fôssemos pessoas transparentes, diretas, não hipócritas, temo que a educação nem sequer passaria pela nossa cabeça inventá-la. Contudo, no momento atual, ela tem sido considerada como uma marca distintiva que denota uma sociedade avançada, sensível a essas sutilezas, ah, sim! Nos tornamos agora pessoas refinadas, ou melhor, evoluídas... – Balança a cabeça. – Até escrevem livros sobre esse tema, conduzem estudos aprofundados então publicam suas

conclusões. É quase uma pena não ter estudado linguística, porque um ramo dela se propôs a estudar o quanto esses indivíduos semelhantes a caixas conseguem se embelezar através do embuste da cortesia. Ela, a linguagem, as palavras, suspeito que nada mais sejam do que um refinado subterfúgio inventado para esse fim, para favorecer essa manobra tão delicada de nos trapacear uns aos outros.... (*pausa*) Agora, simplesmente me pergunto em nome de quê permitimos mentirmos tanto e por qual razão é possível sentirmos tão felizes em nos tratar uns aos outros dessa forma... Temos tanto medo de sermos nós mesmos?

Adriano: – É claro, um medo incomensurável. Quando o convidam a ser você mesmo em um determinado contexto (supondo que já lhe tenham sugerido qual deve ser sua personalidade) todos desejam sê-lo. Em outros contextos, não, é melhor não se atrever. (*pausa*) Ouvindo você falar sobre esses temas, lembrei-me agora há pouco de um novo colega de trabalho. Ele também trabalha neste hotel há algumas semanas. No início, era óbvio que desejava me conhecer, pois tentava estabelecer uma conversa comigo. Me conhecer por assim dizer, me refiro, porque na realidade não queria me conhecer nem muito nem pouco, apenas o suficiente para sermos bons colegas de trabalho. Ainda que, na realidade, possamos ser tranquilamente companheiros sem nos conhecermos minimamente; o importante é não incomodar um ao outro. Mas deixemos essa questão de lado.

Me perguntou meu nome, quantos anos tenho, perguntas para as quais eu adoraria ter respondido “esqueci”, depois disso, lembro que começou a mencionar que é apaixonado por cinema. E a primeira pergunta que me fez em relação a isso foi: “Quais são seus filmes favoritos? De que gênero você gosta?”, e eu, que estupidamente perdi a paciência, respondi ainda assim em tom calmo: “Será possível que você não consiga formular uma pergunta sem ser tão direto?”, ele respondeu algo como: “É que, ao conhecer, mesmo que vagamente, seus gostos, poderei entender melhor que tipo de pessoa você é”, comprehende? Eluney, dou-me conta que é um exemplo sem importância, mas servia para que percebesse que meu colega não deseja de modo algum conhecer minha forma de pensar (o que poderia inclusive ter tentado descobrir conversando comigo sobre cinema), mas sim se interessa em me enquadrar e saber a que grupo pertenço. Quem realmente sou, quer dizer, quase ninguém se importa.

Eluney: – Estava claro que lhe responderia desse jeito. Talvez eu também, no seu lugar, teria me impacientado, pois, ao ouvir sempre as costumeiras perguntas, a paciência se esgota. De qualquer forma, ambos sabemos que, afinal de contas, é inútil se apoquentar, ou melhor, pedir esclarecimentos a respeito da razão pela qual comportam-se assim, seria irrazoável - não se deve esperar nada deles.

Adriano: Eu sei, estou ciente disso. Seria preciso se apartar tanto quanto possível, ignorar o que lhe é dito, contornar, eximir-se da a maior parte dos indivíduos que desejam uma vida desse tipo. Entretanto, como me fazia notar anteriormente, é quase impossível. São eles mesmos que vêm levantá-lo onde quer que você se oculte. Portanto, o meu sonho de me sentir livre, de não transigir, de não ceder e me adaptar; ou o seu de ser você mesma, de não sonhar um sonho alheio, de não se sentir como uma peça em um tabuleiro de xadrez, o que acontecerá com eles? Se transformarão todos em algo muito próximo

de ilusões, não acha? (pausa prolongada) Com muita honestidade, onde acredita que seus sonhos o conduzirão?

Eluney: – Qual será o fim dos meus sonhos? Será acaso possível dar-lhes comprimento, me pergunta? O que me aguarda no futuro? – Ri. – O sonho de viver sendo eu mesma, de viver minha vida, de fazer algo novo e de oferecê-lo ao mundo suponho que me levará a percorrer uma avenida deserta como esta – Acena com a cabeça. – que não chega nunca ao seu destino, com todas as pessoas viradas para as paredes internas de suas moradias ao invés de inclinadas para fora da janela. E, mesmo estando ciente disso, continuarei nessa direção tanto quanto possível.

Adriano: – Confiando sempre que essa avenida esvaziada seja realmente o seu sonho, e não o de outra pessoa. E de não ter sido engolida pela máquina trituradora de sonhos você também, sem nem mesmo perceber.

Eluney: – Exatamente. (pausa) Aviltante tem de ser a ilusão de sermos nós mesmos, quando na realidade não o somos e nem sequer nos apercebemos disso. Inúmeras vezes me questionei sobre quem sou realmente, quais são minhas convicções. A apreensão me invade quando levanto a dúvida de que uma parte de mim não é real, mas sim uma parte que foi corrompida pela sociedade, que se adaptou. Estabelecer um limite preciso de quanta influência teve em mim é árduo. Espero que o mínimo possível. (pausa)

Discorrendo sobre convicções, houve um tempo em que uma delas era que amava Bruno infinitamente. Não obstante, durante todo esse tempo, nunca lhe confessei isso abertamente. Não desejava expressar meus sentimentos através dos termos que a sociedade nos põe à disposição. Por mais infeliz que seja admiti-lo, nos é ensinado até mesmo qual é a forma apropriada de amar alguém. Enquadrado foi já o modo em que se deve conhecer uma pessoa, estimá-la, amá-la, com regras e condições bem precisas. E eu não desejava usar seu termo unívoco que define qual é a forma adequada, requerida, prescrita de amar uma pessoa. Queria me dispensar de tudo isso e me subtrair a essa imposição; portanto, me calei. (pausa) E Bruno, por acaso, se interessou? Gostaria de me fazer acreditar que, por causa do meu silêncio, não percebeu nada? O teria amado como um Deus, se ele tivesse desejado, mas, na época, não quis e, agora, vai querer cada vez menos, Bruno muda mais e mais...

Adriano: – Sim, eu sei.

Eluney: – A que você está se referindo? Viu ele recentemente?

Adriano: – Sim, ele passou por aqui faz apenas um tempinho. (pausa) Lhe confesso que não estava de bom humor.

Eluney: – Paciência, o mau humor, afinal, não preocupa ninguém. Com o tempo, vai superar...

Adriano: – Claro, é só uma questão de tempo, então vai superar. (pausa) E, daqui a alguns anos, nos convidará a todos para seu casamento. Não acha? Afinal de contas, somos seus dois melhores amigos, poderia se esquecer de nos convidar? – Balança a cabeça.

Eluney: – Prefiro me iludir e confiar no fato de que possa nos esquecer.

(Eluney se levanta e começa a andar)

Bruno nos deixou maravilhados. Lhe confesso que só de pensar nele me provoca certa perplexidade, uma sensação estranha que não desejaria experimentar. É um pensamento constante que permeia minha mente e que, por mais que deseje, não consigo afastar. Ver Bruno, agora, é algo que dói profundamente. Não tenho dúvidas, entretanto, a respeito de que haverá um considerável número de pessoas que se alegrarão por ele, que o darão os parabéns por essa mudança. Mas isso, obviamente, não contribuirá em nada para aliviar o sofrimento e o descontentamento de nosso amigo.

Adriano: – Não, claro, Bruno é uma pessoa inteligente e isso não o vai confortar. Não se sentirá decerto contente ao ver-se envolvido por uma gama de pessoas que o acolhem neste novo “mundo” no qual se adentrou, porque tem consciência de que esta mudança não simboliza mais do que a sua resolução de se renegar a si próprio em favor de outra coisa - que, de fato, o vai substituir. Não deve ser uma sensação agradável.

Eluney: – Definitivamente. Aguarda-o um profundo conflito interior. (*pausa*) Tenho a impressão de que, no futuro, se mostrará sempre mais taciturno, pelo menos em nossa presença. Com os outros, talvez faça o mesmo. Nossa Bruno, com sua personalidade, tornar-se-á algo cada vez mais inconsistente, quase inexistente, e, em seu lugar, não encontraremos senão diversos pequenos segmentos que não contêm características dele, mas de outros indivíduos.

Adriano: – Sim, uma pessoa taciturna, ou seja, que privilegia o silêncio, que se nega; será um silêncio, a princípio, caracterizado pelo desconcerto, pela vergonha, um silêncio brotado da consciencialização da escolha que fez, porque ninguém o obrigou a efetuá-la. Ninguém. A responsabilidade é dele, unicamente dele. E, sobretudo, imagino que aquela convicção que demonstrava, aquela força de vontade da qual podia se orgulhar há meses atrás, vai agora ser cada vez menos visível.

Eluney: – A responsabilidade é toda dele, afirma?.. – Pausa, depois num tom duvidoso – Quem sabe quantos de nós temos realmente uma escolha a adotar e se podemos realmente permitir-nos escolher entre adaptarmo-nos e não nos adaptarmos. Talvez, na realidade, a escolha de não adaptarmos não exista assim tanto: navegamos todos pelas mesmas águas e a única escolha que podemos realmente efetuar é até que ponto desejamos adaptar-nos ou, pelo contrário, quanto desejamos opor resistência.

Adriano: – Com certeza. No entanto, no caso do Bruno, não considero que tenha se tratado de uma escolha de submissão vivida com desnorte e à qual foi obrigado a submeter-se. Ele tem vinte e três anos, a mesma idade que você, e se desejasse, será que não poderia permitir-se tomar uma decisão melhor? Obviamente, não há nada ruim em se adaptar ao que nos é proposto, contudo, nós achamos curioso que ele, por vontade própria, tenha elegido mesmo esse caminho. E quanto a nós... nós... – Balança a cabeça. – Nós não nos encontramos numa situação tão diferente da dele: eu, agora, aceitei temporariamente esse emprego. Você, por outro lado, está estudando na universidade, não obstante, não nos sentimos satisfeitos por estarmos nessa situação e mal podemos esperar que chegue o momento em que possamos sair dela e fazer algo diferente... – Eluney se senta novamente.

Eluney: – Quanto tempo você acha que levará até que a consciência dele comece a lhe dar paz e ele alcance uma trégua interior? Não deve ser fácil esquecer totalmente aquilo em que acreditava antes, seus pensamentos, suas crenças...

Adriano: (*fica em silêncio no começo*) – Uma trégua interior sobrevirá com o tempo, com a passagem dos meses, dos anos, caso não tiver sorte... De qualquer maneira, essa escolha feita por ele, temo que sempre lhe deixará um sabor amargo, pois tenho certeza de que a ele também ficou claro que, embocando esse caminho, suas aspirações, esperanças, acabarão... e, uma vida sem elas, a que se assemelha? – fala quase a sós, como se não desejasse ouvir uma resposta.

Eluney: – A uma vida que, desgraçadamente, não estou certa de que valha a pena ser vivida... Nunca dessa forma poderá se sentir verdadeiramente realizado, nem verdadeiramente feliz... – Olha para o teto, como se ela também estivesse falando consigo mesma. – De agora em diante, não será mais fácil se relacionar com Bruno - com uma pessoa que optou por essa escolha de vida. Olharemos para seus olhos desencorajados, com incompreensão, como desejando encontrar a coragem de lhe perguntar: “Por que sacrificou a si mesmo?” Mas duvido que algum dia venhamos a ter forças para dirigir-lhe uma pergunta tão direta. Ademais, talvez nem nos importemos mais em saber sua resposta. Não nos importamos... não, não é isso, é mais que já não temos a coragem, porque nós mesmos nos sentimos tão confusos quanto ele: sentimos que fomos grandes amigos de uma pessoa que, no decorrer de poucos meses, começou a ceder totalmente, deixando-nos com um vazio dentro de nós, levando o peso da ambiguidade da vida a nos arrastar, nos afligir, nos maravilhar.

Adriano: – Com certeza!.. Pergunto-me, agora, sobre o que versará nossa futura amizade. Poderemos perseverar em nos considerarmos seus amigos? E ele – Ri um pouco. – será que desejará continuar a nos considerar seus amigos? (*pausa*) Talvez sim, no início, sim... Com o tempo, no entanto, presumo que nos julgará cada vez mais incompatíveis com seu novo mundo e ele próprio vai se distanciar de nós. (*pausa*) Quanto a mim, por outro lado, se, por acaso, um dia ele me pedir um favor, acho que não o recusaria, pois suponho que sempre sentirei um sentimento de solidariedade, de afeto (se é que pode-se chamar assim) em relação a ele em nome dos tempos passados, da pessoa que foi outrora. Mas nada mais, já que aquela amizade passada que se baseava em uma profunda admiração por ele, de apreciação, de estima mútua, vai se perder totalmente. Temo que agora uma imponente distância tenha se interposto nos separando de nosso amigo...

(*pausa*)

Eluney: – Uma distância oceânica... (*pausa*) Bruno empreendeu um caminho afim ao de seus pais, isso é óbvio. Pergunto-me também até que ponto terá sido sua própria escolha ou o quanto outros indivíduos que o rodeiam conseguiram prevalecer sobre ele, dado que ambos estamos bem cientes de como seus pais e familiares sempre fizeram infelizes tentativas de persuadi-lo a se adaptar e como eles próprios são as típicas pessoas cautelosas, que fazem seus planos passo a passo e não desejam nada insólito, que se renderam totalmente e simplesmente se contentam com uma vida da sobrevivência, que

se iludem de ter tudo sob controle quando têm em suas mãos um esquema de quais tarefas devem cumprir durante a jornada, quando, na realidade, não têm nada sob controle: um dia sobrevirá a morte, então todas as suas rotinas, seus horários, seus trajes mais ou menos formais, suas cortesias, os pequenos planos, os projetos convencionais colocados em prática apenas para matar o tédio, falharão e, em seu rastro, não restará nada: um deserto, desolado, nada mais. (*pausa*)

No fundo, conhecendo as características da família de Bruno, talvez fosse por isso que o admirávamos tanto: porque tinha conseguido se desvincular deles, escolher seu próprio caminho, individual... Sua inteligência se sobressaía. (*pausa*) De qualquer forma, ultimamente se pressentia que era uma “mudança” que desejava colocar em prática; nessas semanas, meses, quando de vez em quando nos encontrávamos e conversávamos na universidade, percebia nas palavras dele uma propensão sempre mais forte à outra margem do rio; apesar disso, admito que não julgava possível que essa cedência pudesse, um dia, se tornar algo real.

Adriano: – De qualquer forma, você não parece tão maravilhada quanto eu com essa mudança do Bruno. É evidente que teve mais tempo para se preparar para enfrentá-la. Eu, pelo contrário, admito que não fazia ideia. Ou melhor, alguma leve dúvida havia surgido em mim também, mas sempre fiz o possível para ignorá-la, não desejava acreditar que pudesse ser um temor real. Aliás, nos últimos meses, com o fato de eu ter abandonado o esporte e de ter ficado, de certa forma, trancado aqui trabalhando e estudando, não tive a oportunidade de frequentá-lo muito.

Esperei aqui, portanto, até que a verdade se entornasse em cima de mim: hoje à noite, Bruno veio falar comigo sobre tudo isso, para se livrar de um peso.

Eu fiz uma embaraçosa tentativa de lhe implorar que voltasse a si, mas nada mais; sua mudança revelou-se drástica aos meus olhos, a ponto de nem saber mais como agir. Agora só me resta observar um doloroso silêncio e deixar que os acontecimentos sigam seu curso e que cada um assuma a posição na margem que lhe for mais sedutora.

Eluney: – A mim também não me restam muitas palavras para lhe dirigir, sinto que não devo lhe dizer mais nada: está bem ciente do que deseja da vida. Na universidade, quando o encontrava ultimamente, desejava intimá-lo a exumar a si mesmo. Pretendia também salientar que o contrato que resolveu assinar não lhe trará mais do que decepções; pelo pouco com que me informei, tive a impressão de que se trata de uma empresa cujos gerentes não são pessoas honestas.

Mas, no fundo, mesmo que fossem podres, o que mudaria? Acaso ao atual Bruno mudaria alguma coisa ou também aceitaria isso em silêncio? Teria feito sentido tentar “adverti-lo”? Sentia-me estúpida, estúpida por mil razões. Calei-me e, temo, continuarei a manter o silêncio para sempre. Por outro lado, se não deseja ser ele mesmo, será que podemos forçá-lo a sê-lo?

Adriano: – Não, claro, não nos é permitido.

(*pausa prolongada*)

Pessoalmente, se me oferecerem fazer parte de uma atividade com pessoas que não são honestas, duvido que conseguiria permanecer passivo. Dificilmente cedo, porque tenho consciência de que, se cedesse mesmo que uma única vez e aceitasse algo que não me persuade, ou que não considero suficientemente honesto, deixaria de me sentir confortável comigo mesmo. Por mais que eu esteja ciente de quão confuso e inextricável é o nosso mundo atual e da dificuldade de estabelecer qual é a definição de honesto e desonesto, qual é o caminho mais cônscio e qual é o menos, tentaria, no entanto, me aproximar o mais possível da verdade, ao que poderia ser o caminho mais honesto... Enfim, sempre tive uma vontade irrefreável de transparência, imparcialidade, objetividade. E tenho certeza de que, na situação em que Bruno desejou se achar eu não resistiria de jeito nenhum....

Eluney: – Sim, é indiscutível que você reagiria de forma diferente ao Bruno atual, que se empenharia desesperadamente para que houvesse sempre mais transparência em qualquer coisa a que se dedicasse. – Ri ligeiramente. – Ainda que não goste da sociedade, você conserva um certo otimismo, por assim dizer, ou melhor, a vontade de lutar por obter mais e mais transparência.

Estou relativamente certa de que você também poderia um dia se encontrar numa situação semelhante à do Bruno e, se descobrisse algo podre na empresa na qual trabalha, faria tudo o que estivesse em seu poder para sair de tal situação limpamente. Por mais que sinta-se decepcionado e lhe deprima nossa sociedade moderna, você continua, de certa forma, a lutar por ela... – Balança a cabeça, olha para baixo. – Eu, em compensação, dificilmente considero que poderia me encontrar numa situação semelhante no futuro, pois estou muito mais desiludida do que você está agora, há muito tempo perdi todas as minhas esperanças... o que, no futuro, me levará a optar por caminhos cada vez mais marginais, quase externos, tão desvinculados da sociedade quanto possível; portanto, uma situação assim duvido que eu venha a enfrentar, ou, pelo menos, é o que espero, porque não é nem um pouco do meu interesse enfrentar e lutar por algo no qual não acredito.

(Eluney se levanta)

Já é tarde, é quase uma hora da manhã.... É melhor eu deixar você!

Adriano: – Como você desejar.

Eluney: – Tem planos para amanhã de manhã? Por acaso está ocupado? Eu apenas tenho que ir para a universidade à tarde, portanto, posso dispor da manhã à vontade, poderíamos sair e fazer alguma coisa.

Adriano: – Sim, tudo bem, não tenho nada especial para fazer pela manhã; ou melhor, não pretendia fazer nada além de dormir. De qualquer forma, não se preocupe.

Eluney: – Poderíamos ir ao cinema, acho que o primeiro espetáculo é às onze e meia ou ao meio-dia, o que você acha? A essa hora sempre há os melhores espetáculos. Aliás, dessa forma, poderíamos fingir estar indo ao cinema como se fosse à noite, já que você, à tarde, suponho que irá dormir.

Adriano: – Me parece uma ótima ideia. Vamos nos encontrar aqui por volta das onze horas?

Eluney: – Combinado, até mais tarde!

(As luzes se apagam, Adriano sai da recepção e, para trocar de turno, chega Marina. Quando as luzes voltam a se acender, já é de manhã)

Oitava cena

(Marina está sentada no balcão da recepção)

Marcello: – Bom dia! – Em um tom alegre e com um café na mão.

Marina: – Olá, em que posso ajudá-lo?

Marcello: – Reservei um quarto em nome de Marcello Rivabianchi. *(Enquanto Marina procura os detalhes da reserva, Marcello se distrai e começa a falar sobre outro assunto, sem dúvida trata-se de uma pessoa eloquente)* Realmente não querem confessar qual é o segredo para conseguir um café tão delicioso por estas bandas?

Marina: – Risadinha. – Ah não, não temos permissão para revelar isso! É o nosso segredo. Se o revelássemos, certamente cessaríamos a qualquer momento de sermos tão conhecidos por nosso invejável café expresso. – Faz uma careta boba.

Marcello: – Sim, comprehendo. Cedo ou tarde, não obstante, vocês também cederão e nos revelarão “o enigma”. *(pausa)* Perceba que isso é uma grande novidade para mim: eu venho da capital e lá beber café equivale quase a beber água... Algo insuportável, quase de não acreditar. Aqui, por outro lado, têm mais tempo para se dedicar a esses detalhes - a essas iguarias tão deliciosas -, dá inveja... *(pausa)* Na capital sempre estamos demasiado atarefados despachando assuntos importantes, materiais, e dificilmente arranjamos tempo para nos ocuparmos de questões de menor importância, como um bom ou mau café. Agora, porém, finalmente encontro-me numa situação onde eu também posso prestar atenção a esses pequenos prazeres da vida. Assim que cheguei à cidade (ainda bem que é de manhã!), a primeira coisa que fiz foi saborear o café local.

Marina: – Fez bem, senhor. De fato, nosso café é simplesmente invejável. E não é só o café! Em geral, do ponto de vista culinário, temos uma razoável reputação. Ainda há muitas bebidas e, sobretudo, pratos típicos para você experimentar, estou certa de que vai adorá-los.

Marcello: – Não tenha dúvidas. – Ri altivamente. – Sempre fui um amante de experimentar novas comidas, pelo que com o passar dos meses provarei indubitavelmente todas as “especialidades da casa”. Sempre fui uma daquelas pessoas que gostam de ir ao restaurante ou ao bar entre uma reunião e outra.

Marina: – Em tom falso. – Eh, são prazeres dos quais dificilmente pode-se prescindir na vida!

Marcello: – Sim... perceba, sou dessas pessoas que mergulham-se em tudo o que uma pequena cidade tem a oferecer, não desejo desperdiçar nenhuma “oportunidade” nem perder nenhum prazer. Isso me gera uma sensacional sensação de relaxamento.

(Pausa)

Marina: – Faria a gentileza de me fornecer sua identificação?

(Marcello dá a ela, depois Marina lhe entrega as chaves de seu quarto)

Agradeço, aqui estão as chaves. Seu quarto fica no sexto andar, no lado direito. Espero que seja do seu agrado, pois é um dos quartos mais bonitos que temos para oferecer.

Marcello: – Obrigado.

(Ele se dirige para os andares superiores)

Nona cena

Marina: – Olá Bruno, bom dia. Deseja alguma coisa?

Bruno: – Não, Marina, fique tranquila. Só estou aqui porque tenho que aguardar alguém.

Marina: – Assuntos pessoais ou de negócios, do que se trata, se é que me permite perguntar?

– Ligeiramente intrigada e de forma inquisitiva.

Bruno: *(fingindo que a está apoiando)* – Sem problema, pergunte à vontade. Estou aqui por motivos de negócios, à espera de me encontrar com o Sr. Rivabianchi.

Marina: – Ah, agora entendi! – Enruga ligeiramente a testa – Então, há uma correlação entre seus novos projetos profissionais e o Sr. Marcello Rivabianchi, ainda não tinha reparado nisso...

Bruno: – Sim, é meu empregador. Ele é quem se encarrega de gerenciar a filial da empresa para a qual vou trabalhar.

Marina: – Compreendo. A propósito, o senhor que está esperando acabou de chegar a este hotel há pouco tempo. *(pausa)* Ah, Bruno, alegro-me por você! E mais, Marcello pareceu-me um homem descontraído: quando chegou aqui estava de bom humor, ria, me perguntava a respeito do café típico do lugar; enfim, me pareceu uma pessoa simpática pelo pouco que vi. – Bruno fica ouvindo quase com indiferença. – Talvez não em breve, já que ainda é muito jovem e precisa ter paciência; daqui a alguns anos, porém, tenho certeza de que o futuro lhe reserva ter uma brilhante carreira profissional e o veremos ir embora longe daqui, desta pequena cidade. *(pausa)* Eu, dada a minha idade, confesso que sinto-me a gosto aqui, neste lugar, porque tenho tudo o que preciso: a maior parte dos meus familiares se encontra aqui, tenho minha atividade e não desejo me afastar disso. Os jovens, entretanto, - assim como você - fazem bem em se esforçar em procurar ofertas de trabalho convenientes e ter esperança de um dia ter algo melhor em outro lugar: sempre deve-se dar pequenos passos em direção a algo sempre mais significativo. – Bruno sorri levemente. É um sorriso forçado.

Bruno: Marina, desculpe interromper, poderia me dizer as horas, você que está aí na frente do computador?

Marina: – São dez e vinte, por quê? Você não chegou a tempo?

Bruno: – Sim, sou pontual. Apenas desejava me assegurar de que cheguei com suficiente adianto.

Marina: – A que horas ele marcou o “encontro”?

Bruno: – Às dez e meia.

Marina: – Então, você chegou em perfeito adianto. – Sorri.

(Marina volta a olhar o computador e continua seu trabalho. Enquanto isso, Bruno, agitado, se aproxima de uma parede da recepção do hotel. Passam alguns momentos em silêncio)

Marina: – E seus pais, sua irmã, como estão? Todos estão bem em sua família? Espero que sim, pois devo admitir que já faz vários meses que não os encontro pela cidade e não sei quase nada deles.

Bruno: – Nada mal, meus pais estão relativamente bem. Em suma, sempre há pequenos problemas e dificuldades cotidianas a serem superados, mas não se queixam. A vida deles já está “feita” - no sentido de completa -, assim que não precisam se preocupar com inventar algo novo o tempo todo, só devem levar adiante o que já possuem, dia após dia, e isso, em geral, não é algo extremamente difícil. – pausa, cada vez mais desconcertado. – E... quanto à minha irmã, aparentemente resolveu se casar.

Marina: – Ah, que maravilha! Quantos anos tem ela, que agora não me lembro?

Bruno: – Vinte e sete.

Marina: – E quando vai ser o casamento? – Com brio, emocionada.

Bruno: – Pelo que entendi, a data exata ainda não foi marcada; há várias opções. Ela gostaria de convocar às núpcias em outubro; seu futuro marido, por sua vez, opina que é melhor celebrar o casamento em janeiro; meus pais afirmam que é melhor... Em suma, cada um deseja deixar sua opinião prevalecer e levar a melhor sobre as outras. Quando decidirem a data, lhe avisarei, vocês todos estão convidados, naturalmente. Seria um prazer se vocês também pudessem estar lá...

Marina: – Lá estaremos! Com toda certeza vamos estar presentes, não duvide disso. É um evento que não podemos deixar passar!

Bruno: – Fico grato por isso. – Se esforça para sorrir. – Embora eu considere complicado, espero que Adriano e Eluney também condescendam com vir, porque, afinal de contas, são meus melhores amigos... Deixo a você a tarefa de convencê-los. – Rígido, quase se sufocando.

Marina: – Calma, darei o meu melhor para convencê-los! – Alegre, quase com presunção.

Décima cena

(Bruno encontra-se na sala de recepção à espera de Marcello; Marina, por sua vez, está sentada e está ocupada arrumando documentos de trabalho)

Marcello: – Olá! – Sorrindo – Finalmente nos conhecemos.

Bruno: – O prazer é meu.

Marcello: – Agradeço por ter passado por aqui. Iremos juntos à filial. Antes, porém, desejava dar uma palavrinha informal com você; admito que gosto de conhecer pessoalmente a maioria das pessoas que contratamos para trabalhar conosco e saber um pouquinho delas...

Bruno: – Sim, entendo você...

Marcello: – A filial, como já sabe, fica a cerca de dez minutos daqui, podemos ir a pé ou pegar um táxi. Agora vamos pensar nisso. *(pausa)* Sabe, o fato de me encontrar neste hotel se deve a que no apartamento onde me vou estabelecer estão fazendo algumas obras, ainda não terminaram de dar a

última demão a certos detalhes. E isso é uma amolação, com certeza, mas o que se pode fazer? Afinal, é assim que acontece quando se compra uma casa ou um apartamento, sempre há algo para consertar, mobiliar, etc...

Bruno: – Compreendo que não seja uma situação agradável.

Marcello: – Ah, é isso mesmo! Tudo menos agradável. Sempre adorei a organização, o trabalho em equipe e a pontualidade. Veja bem, me prometeram que o apartamento ficaria pronto hoje e, em vez disso, estão atrasados... Não suporto essas coisas, literalmente me deixam louco... Não dá para imaginar o esforço que faço para conseguir planejar tudo com a devida antecedência e, quando algo não sai de acordo com o planejado, fico chateado, me inquieto. (*pausa*) Minha gaiola, na qual desejo viver, deveria estar pronta hoje, mas aqueles...

Bruno: – Sim, entendo, mas tente ser paciente... Em breve tudo vai se resolver, você vai ver... Não é assim nenhum drama passar alguns dias neste hotel. – Desconcertado.

(*Pausa*)

Marcello: – Não é certamente um drama: sobrevive-se. Mas, vou ser sincero, é um incômodo. Outras pessoas talvez tentariam ocultar sua “inquietude” procurando mostrar-se indiferentes e desapegadas em relação a chatices como essa, se esforçariam sem dúvida para se conter. Eu, pelo contrário, não quero ser falso com ninguém: esse atraso é um aborrecimento para mim. É assim mesmo – Faz um gesto com as mãos. – e prefiro ser direto, não mentir para ninguém.

– Bruno, abalado, confirma com a cabeça por cortesia. – Deixemos, porém, de lado esses assuntos desagradáveis. Sabe de uma coisa? Hoje encontrei esta cidade ainda mais bonita do que habitual, fazia muito tempo que não vinha aqui. Nos meus tempos de colégio - há cerca de quinze anos - costumava vir bastante por motivos diferentes; mais tarde, enterrei-me na capital, dediquei-me a questões de maior relevância e passei a me deslocar cada vez menos de lá. (*pausa*)

Enfim, observei que a cidade é linda, já que aqui o ritmo de vida é mais calmo, respira-se ar puro, há menos trânsito, a comida é excelente, mas em matéria de entretenimento e distração ganhamos nós da capital que podemos nos orgulhar de ter um mar de restaurantes, bares, multinacionais de todos os tipos, cinemas, teatros, clubes, boates... Não são coisas desprezíveis! Tenho certeza de que qualquer pessoa na capital pode achar a maneira de se distrair, porque na capital há distrações de todos os gostos... há carrosséis de todos estilos, é impossível não ficar satisfeito e encontrar o que combina com você.

Você não concorda? Quero dizer, é claro que na cidade falta o fator natureza, contudo, isso também não é um problema insolúvel: quando chegam as férias de Natal, pode-se simplesmente escapulir-se da capital e se dirigir às montanhas a esquiar, fazer trilhas ou o que mais lhe deleita, e aí o dilema está resolvido. Não?

Bruno: – Suponho que você pretendia expressar que a nossa cidade apresenta a falta de animação típica da capital. Entretanto, para a maioria de nós, isso não é um problema, pois a quietude é considerada algo atraente e o fato de poder evitar o afã da capital constitui um privilégio.

Marcello: – Com certeza. Não cometa, no entanto, o erro de atribuir excessiva importância a esses fatores. Uma cidade relativamente pequena oferece certas vantagens, mas jamais lhe proporcionará a chance de sonhar. Numa capital, ao contrário, acumulam-se infinitas oportunidades e isso lhe permite sonhar em grande escala, dá-lhe a esperança de um dia se sentir realizado... Deixe-me fazer uma pergunta confidencial: você tem sonhos?

Bruno: – Sim, tenho – Com indiferença. – Da mesma forma que todos os meninos da minha idade.

Marcello: – Entendi. (*pausa*) – Suspira. – Como pode ver, nesta cidade, dada a escassez de ofertas de emprego que mereçam ser levadas em consideração, realmente teve a sorte de encontrar emprego em nossa empresa e deve se alegrar, porque, em outros termos, isso significa que lhe ajudaremos a realizar seus sonhos, pouco a pouco... Se você nos satisfizer, estou certo de que um grandioso futuro se abrirá diante de si... E, um dia ou outro, talvez você também rumre para a capital: cidades pequenas, como é sabido, são o túmulo dos sonhos. – Marcello reflete. – Esforce-se, trabalhe duro, cultive suas paixões e verá que um dia seus esforços serão recompensados. Não pense tanto em sonhos excessivamente idealistas - isso equivale a ser infantil e ter a cabeça nas nuvens -, pense antes em ser prático e realista, porque na vida é preciso ser concreto, planejar as coisas e, pouco a pouco, fazer progressos. Em resumo, é necessário ser ob-je-ti-vo. Percebe?

(*Bruno está sério, acena com a cabeça, depois se encosta em uma parede e continua ouvindo-o*)

Defina um objetivo e, mantendo a devida concentração e as energias voltadas para a execução prática, tudo vai fluir para o melhor. (*pausa*) O conhecimento e o pensamento não passam de elementos de intervenção e ação sobre o mundo e, idealmente, deveriam perder a concepção contemplativa e reflexiva. A melhor abordagem, acredite, pois sou uma pessoa com uma considerável experiência, é sempre a da concretude, ou seja, de não se deter em aspectos teóricos e abstratos, mas favorecer os aspectos práticos e de execução efetiva. Além disso, mantenha em mente que este pragmatismo é muito procurado e elogiado no cenário empresarial de hoje em dia. Nem é preciso dizer, não é mesmo? Você também percebe que uma pessoa que privilegia o pragmatismo sempre resolverá um problema antes de outra, abstrata, que correria o risco de se deter demais em especulações teóricas e, em consequência, prejudicando-nos o dia. (*pausa*) Somos o que fazemos, não se esqueça nunca disso! – Levanta um dedo da mão, discursa com convicção, como se estivesse se sentindo na pele do filósofo da praticidade. – E agora, diga-me, está emocionado por trabalhar para nós? – Com ligeira falsidade e arrogância. – Tenho certeza de que se sentirá nervoso hoje. No entanto, não precisa, somos todos pessoas sem cerimônias, faremos o possível para evitar que não se sinta intimidado.

Bruno: – Tudo bem, é normal se sentir assim no princípio de uma nova carreira. Quanto à sua pergunta, acho que me sinto relativamente contente – Mente. – depois de tudo, há muitas pessoas para

quem se reserva um destino muito mais triste do que o meu, e eu não tenho o direito de me queixar. Sim, com certeza, no fundo estou contente... – Com um fio de voz, enquanto isso Marcello concorda.

Marcello: – Fique tranquilo, vai dar tudo certo. Diga-me, antes, quantos anos tem? – Com um ar distante. – Receio não me lembrar ao certo...

Bruno: – Vinte e três.

Marcello: – Em um tom afetado, quase indiferente. – É uma idade de ouro. Não a desperdice, não jogue fora nem um minuto! Aliás, sabe o que dizem? (Eu, sinceramente, sou bastante partidário dessa teoria.) Que a idade em que se é mais feliz na vida é por volta dos 23 e dos 69 anos. E também vou lhe esclarecer que foi escolhido o número vinte e três porque, em geral, alega-se que é esse o momento da vida em que nos sentimos majoritariamente otimistas e entusiastas, em que acreditamos que nada pode nos impedir de realizar o que desejamos. Ademais, esses costumam ser os anos em que nos tornamos independentes de nossos pais, e isso também gera certo contentamento, satisfação.

(Bruno o escuta olhando ocasionalmente para um lado e depois para o outro, não encontra nada para rebater, julga que não vale a pena, que não está em posição de criticar)

Seja como for, o que acha de começarmos a nos dirigir à filial? São quase dez e cinquenta; esperam-nos em torno das onze.

Bruno: – Claro, chegou a hora de pegar a estrada.

Marcello: – Por falar nisso, quando chegarmos, vou apresentá-lo ao meu vice-gerente da filial, o Sr. Boscolo. Trata-se de uma pessoa extremamente descontraída, além de ser um grande amigo da família. *(pausa)* Deveria lhe contar sobre isso. Quer?

Bruno: – Esteja à vontade. – Em um tom submisso.

Marcello: – Resumindo, toda a empresa sempre pertenceu à minha família, é bem antiga; mas você já deve saber disso. Meu pai ficou com a direção da sede principal, enquanto o Sr. Boscolo e eu assumimos a responsabilidade de vir gerenciar pessoalmente esta filial da província a fim de torná-la ainda mais rentável. E é bom se encontrar aqui, sinto-me tremendamente orgulhoso – Com solene altivez. – de estar tomando parte neste projeto laboral e, por meio dele, dar continuidade aos valores atávicos de minha família. *(pausa)* Quanto ao Sr. Boscolo... O senhor é religioso? – Em um tom inquisitorial.

Bruno: – Meus familiares, são. Eu, para ser sincero, deixei de sê-lo há muito tempo.

Marcello: – Melhor assim. Nem eu sou; ou melhor, sou, sim, mas é apenas uma questão de fachada. Veja, na prática, se minha família de um dia para o outro resolveu começar a seguir o cristianismo, foi somente porque um padre era o amigo mais próximo da família da minha mãe e, na hora do casamento dela, conseguiu persuadi-la a se casar na igreja onde ele servia. A partir de então, minha mãe e meu pai, que até aquele momento se haviam declarado ateus, fingiram começar a acreditar na religião e, dessa forma, transcorreram vários anos. Logo, quando nasci, simplesmente por uma questão de hábito e comodidade, decidiram inculcar em mim também os valores rudimentares do cristianismo... Cresci, tornei-me adulto. Nossa amigo padre, entretanto (não importa agora por qual razão) começou a ter

problemas econômicos sempre mais sérios e meus pais, justamente, lhe propuseram que entrasse para a empresa deles. Ele duvidou por um longo tempo, depois finalmente abandonou a religião e, dedicando-se assiduamente a questões materiais, tornou-se meu vice-gerente. Está me seguindo?

Bruno: – Sim. – Acenando com a cabeça.

Décima primeira cena

(Eluney chega pela porta principal. Bruno e Marcello ainda estão conversando entre si. Marina está na recepção e despacha questões de trabalho)

Eluney: (para Bruno, fala com um ligeiro desconforto): – Olá, bom dia.

Bruno: – Olá, que bom ver você.

(Silêncio)

Marcello: (para Bruno) – Vou deixá-lo alguns instantes para conversar com sua conhecida, vou aguardar por você aqui no átrio. Despache-se, no entanto, os ponteiros aprestam-se a marcar as onze. – Dá uma olhada para o relógio de pulso. – Se não sairmos deste hotel daqui a alguns minutos, é elementar chegar à conclusão de que chegaremos atrasados à filial, e não podemos nos permitir isso. (antes de deixar a sala, encosta uma mão no ombro dele, como que o incentivando a se apressar e a não perder de vista o que realmente importa em tal circunstância, depois se dirige a Eluney) Senhorita, desejo-lhe um bom dia!

Eluney: – Obrigada, você também! – para Marcello, depois se dirige a Bruno – Como você está?

Bruno: – Estou bem, obrigado. Ou, pelo menos, assim me parece. – fala devagar – E você?

Eluney: – Estou indo; quero dizer, continuo aqui... – Com escárnio.

(Marina se levanta da cadeira da recepção e se intromete na conversa, como que desejando sanar o constrangimento que se criou entre os dois jovens)

Marina: (para Eluney) – Que coincidência você também ter passado por aqui esta manhã! Deseja ouvir uma notícia? Seu amigo Bruno comunicou-me recentemente que sua irmã vai se casar e nos convidou a todos para as suas núpcias, não é maravilhoso?

Eluney: – Oh, fico muito feliz, parabéns!

(está tremendoamente impressionada, então, apesar disso, aperta a mão dele, como que desejosa de ser agradável)

Marina: (para Eluney) – Deixemos agora que este jovem se junte ao Sr. Marcello, que está à sua espera lá fora, com certeza não é o caso de fazê-lo esperar. Entretremos Bruno com nossas conversas em um momento mais oportuno do que o atual.

Eluney: – Certamente.

Bruno: – Sim, com licença, realmente é melhor eu deixá-los agora. Até mais aos dois! – Bruno se retira precipitadamente do hotel.

Eluney: – Quem era aquele senhor que o aguardava fora na entrada? Um colega seu de trabalho ou algo semelhante, presumo? A julgar pela aparência, não parecia alguém daqui, mas sim de uma grande cidade, da capital. – Sorri tristemente. – Tinha um aspecto excessivamente mundano, muito mais do que o nosso ou do que estamos geralmente acostumados.

Marina: – Pois sim, nas grandes cidades sem dúvida têm mais elegância e graça do que nós. De qualquer forma, seu nome é Marcello Rivabianchi e, pelo que me consta, não é um colega. Ele é o empregador dele, ou algo assim....

Eluney: – Sim, comprehendo. Sua resposta, admito, não me surpreende.

(Marina volta a se sentar no balcão da recepção)

Marina: – Você veio procurar o Adriano?

Eluney: – Sim, estou à espera dele.

Marina: Suspira. – Ah, meu filho quase nunca me consulta. Estou tão pouco ciente sobre o que faz quando se encontra fora deste hotel. Gostaria que não fosse tão eternamente de mente fechada e reservado.

Décima segunda cena

(Adriano chega descendo as escadas)

Adriano: – Estou aqui, bom dia para ambas! *(para Eluney)* Desculpa o atraso, tinha adormecido e, consequentemente, perdi a hora. *(pausa)* Espero que tenham conseguido descansar bem.

Marina: – Terrivelmente! Com esse calorão, não dá para resistir e acorda-se todos, inevitavelmente, com olheiras. Se só tivesse que nascer novamente, desejaria que fosse numa cidade mais ao norte! – Com altivez.

Eluney: – Eu, ao contrário, fiquei acordada a noite toda.

Adriano: – Por qual razão?

Eluney: – Pelo que dissemos ontem: se permanecermos acordados à noite, automaticamente, é como se ela se tornasse seu dia; portanto, desse modo, teria tido sentido ir ao cinema ao meio-dia.

Marina: – Que besteira! – Balança a cabeça.

Eluney: *(para Adriano)* – Estava brincando, não é nada disso. Para me acordar, até coloquei o despertador; caso contrário, não teria como me levantar hoje de manhã.

(Adriano e Marina dirigem o olhar em direção à porta que dá para a rua)

Adriano: – Digam-me, antes, o que é essa algazarra?

Eluney: Olha em direção à porta. – Parecem jovens barulhentos em festa. – Perplexa. – Festejar à noite poderia até compreendê-lo, mas se levantar a essa hora para armar tanta confusão julgo-o simplesmente incompreensível. – Aborrecida.

Marina: Animada. - Deve ter havido uma graduação, se não me engano, um daqueles rapazes ali traz uma coroa de louros na cabeça! – Se emociona. – Que emoção, estas cenas me impressionam!.. – Olha

novamente para a porta. – Ah, agora que observo com mais atenção, trata-se daquele rapaz que veio entregar a pizza ontem à noite! – Acena para ele com a mão.

(*O repartidor reconhece Marina e entra na recepção do hotel*)

Marina: – Parabéns! Parabéns! É fantástico vê-lo formado!

Repartidor: – Obrigado, senhora, obrigado! (*pausa*) Compreenderá que, neste momento, sinto-me invadido pela alegria, pela despreocupação - é como se me sentisse tremendamente ligeiro - e, ao mesmo tempo, satisfeito devido a que tenho consciência do que acabo de atingir! Ad meliora et maiora semper! – Elogiando a si mesmo.

(*Eluney se manteve à margem com Adriano*)

Eluney: – Parabéns também da nossa parte, lhe desejamos um gratificante futuro.

(*O repartidor faz uma espécie de reverência a Eluney em sinal de agradecimento, logo se vira para Marina e extrai algo do seu bolso*)

Entregador: (*para Marina*) – Tome, faça o favor, é meu cartão de visita como psicólogo. – Sorri. – Mandei imprimi-los bem a tempo apenas para começar a distribuí-los com alarde assim que me formasse. É claro que ainda não sei exatamente em qual instituição exercerei minha profissão, mas, enquanto isso, guarde este meu cartão de visita com minhas informações de contato. Embora espere veementemente que não, nunca se sabe se, um dia, um de seus conhecidos pode precisar de um psicólogo.

Marina: Com certeza, vou tê-lo em conta e guardá-lo cuidadosamente em minha carteira.

Já está repleta de todos os tipos de cartões de visita, – Balança a cabeça levemente, então remove alguns de sua carteira tentando arrumá-los. – inclusive possuo um da agência funerária. Hah!

Fattorino: – Ainda bem, sempre deve-se ser previdentes...

(*Depois se aproxima de Adriano e Eluney*)

Repartidor: – Aqui está uma cópia para você também. – Estende o bilhete a Adriano.

Adriano: – Não, não, obrigado, não precisamos disso. – Com relutância.

Repartidor: – Faça favor, peço que o aceite...

Adriano: – Não, não, não se ofenda, mas não necessito disso, não me importo.

Repartidor: (*para Eluney*) – Pegue você, então. – Faz uma pausa, observa a menina e fica surpreso. – Assim como seu namorado, você também não dá a impressão de estar muito animada hoje. – Sacode levemente a cabeça – Acaso há algo que a perturba?

Eluney: – Não, de jeito nenhum. E quanto a você?

Marina: (*para seu filho*) – Quantos rodeios e quanta discrição, se apenas os dois dissessem o que lhes inquieta tanto, todos faríamos o possível para ajudá-los a serem mais contentes!

Repartidor: (*para Eluney*) – Pegue-o, insisto!

(*Eluney finalmente agarra o cartão de visita e o coloca apressadamente em um bolso*)

Asseguro-lhe que o que estou lhe oferecendo (e não apenas a você, mas a qualquer pessoa que precise) é um ótimo serviço; garanto isso, pode confiar em mim. – Pausa, depois retoma a fala com um espírito explicativo. – Agora, fica evidente que ainda não poderei exercer minha profissão em uma estrutura formalmente durante algum tempo, contudo, é apenas uma questão de semanas, ou meses, no máximo... Aliás, se precisarem de meus serviços com urgência, antes de tal dia, não se preocupem, com certeza não sou uma daquelas pessoas desagradáveis que não podem se adaptar às necessidades dos outros: venham diretamente à pizzaria em frente onde trabalho e conversaremos sobre qualquer coisa que lhes urja, prometo que farei o que puder para que se sintam à vontade... – Sorri. – E agora, enfim, desejo-lhes a todos um excelente dia e muitas coisas boas! Meus amigos estão me aguardando lá fora e não posso deixá-los esperar mais tempo! Até já!

[FIM](#)